

6. Considerações Finais

Nos dias de hoje a morte trocou o lar pelo hospital e ninguém quer falar dela. Nem o doente, nem o familiar e nem o médico.

A morte tornou-se desumanizada, mecanizada e interdita.

Numa sociedade em que o bom, o belo e o jovem são sobrevalorizados, a atenção e o tempo dispensado ao moribundo, é quase considerado “um desperdício”.

Neste sentido, o doente isola-se da sua própria realidade, o que o levará a um consequente sofrimento. Não é ouvido, não expressa seus sentimentos e isso lhe causará uma tremenda angústia. O seu estado psicológico atravessará várias fases, após o conhecimento da doença.

Os profissionais, contudo, também se assustam com a situação e tentam fugir do processo.

É sobre esta “fuga” que importa debater cada vez mais com a finalidade de buscar explicações e soluções, trabalhando para sua erradicação.

O diálogo entre os profissionais e os doentes é um meio de superar os medos comuns e encontrar a paz interior, na certeza de que a vida e a morte têm de atingir toda a sua plenitude. A morte deverá ser encarada como o fim de um ciclo, que faz parte da vida. “Nós humanos, não somos mais do que um instante da via eterna” (Bayard, 1993:301).

O grande “convite” que é feito ao assistente social e toda a equipe de saúde é que, perante o doente terminal, se aproxime, pare, tenha tempo para escutar e acompanhar essa pessoa que sofre. Acompanhá-lo nessa transição da vida para a morte, é uma ação totalmente humana.

Neste trabalho de pesquisa sobre o “Sentido da Vida até Morrer”, procurou-se descobrir a forma como os profissionais encaram o fim de vida de seus pacientes, o que é feito pela sua dignidade e se existe humanização no cuidar do fim de vida de uma pessoa que está num hospital.

Respondendo por partes e me debruçando sobre a primeira questão, a forma como os profissionais encaram o fim de vida de seus pacientes, pude observar que a maioria afirma encarar a morte com naturalidade, embora acrescentem que nalguns casos se criam laços de amizade com determinado paciente e aí se torna mais complicado.

No que concerne à dignidade pelo doente, me pareceu que dentro de todas as coisas que são feitas pelo seu bem-estar, pela promoção de sua qualidade de vida

que se traduz em dignidade humana, os cuidados paliativos aparecem como a melhor resposta de progresso a essa dignidade.

Os cuidados paliativos proporcionam ao doente terminal, ou fora de possibilidades terapêuticas, condições únicas de controle de sintomas, conforto, sossego, paz, respeito pelas suas escolhas e atenção especial às suas necessidades pessoais/humanas.

Sobre a humanização no cuidar do fim de vida, pelo que me foi possível observar e escutar dos profissionais, senti que neste serviço de oncologia em concreto, há um esforço conjunto pela sua demonstração e efetivação.

No que toca às conclusões retiradas das entrevistas propriamente ditas, pude verificar que: o gênero feminino (assistente social, enfermeira e psicóloga) mostrou-se mais emotivo, tendo a enfermeira, inclusive, ficado com os olhos enxaguados ao referir-se ao toque, nos doentes terminais.

O gênero masculino (médicos) dá muita importância ao “ser escutado” enquanto profissional e ser humano. Consideram a “carga muito pesada” para suportar sozinhos e acentuou a importância do trabalho em equipe.

Os profissionais levam o trabalho muito a sério e com muito respeito por todas as pessoas.

Constatei que é importante para eles falarem das suas funções, quer de suas vitórias como das suas “derrotas”.

Encaram a morte de formas diferentes, consoante tenham fé em qualquer tipo de religião ou não.

Trabalham com o intuito de promover a qualidade de vida e o bem-estar dos seus pacientes, e tudo fazem para que eles se sintam bem.

Não dão falsas esperanças, nem adiam o inadiável, e estabelecem laços fortes com os doentes, mas sempre dentro dos limites da destreza técnica.

Todos os profissionais entrevistados concordam que é necessária a presença de um assistente social naquele serviço.

Nenhum deles vê o doente como uma “coisa” a ser tratada, mas sim como uma pessoa no seu todo integral.

A dignidade humana é reconhecida através da prestação dos cuidados paliativos, quando percebem que determinado doente está fora de possibilidades terapêuticas.

Humanização é a palavra de ordem deste serviço hospitalar e todos os profissionais estão unidos na luta pela promoção da igualdade e respeito por todos os doentes que ali passem.

Para os profissionais que foram entrevistados, é importante “arejar” a mente quando saem do serviço, pois lidam diariamente com o sofrimento humano e isso é uma fonte de estresse imensa.